



O PROCESSO DIGLÓSSICO ENTRE AS LÍNGUAS TERENA E PORTUGUESA NAS COMUNIDADES INDÍGENAS TERENA DE CAMPO GRANDE

Guadalupe Vilhalba Cabral Xavier

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Onilda Sanches Nincao

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a configuração do processo diglótico da Língua Portuguesa e da Terena de comunidades indígenas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Tal temática é relevante em razão do aumento crescente da população indígena que sai de suas aldeias em busca de novas oportunidades de trabalho na capital (URQUIZA; VIEIRA, 2012). Em Campo Grande existem 9 aldeias urbanas e um quiosque no Mercado Municipal com um quadro sociolinguístico complexo pelo fato de os habitantes serem provenientes de diversas aldeias com manutenção e uso da língua Terena e outras com perda e deslocamento da língua indígena, tendo a língua portuguesa como língua materna. A metodologia da pesquisa de mestrado de caráter qualitativo e etnográfico buscou analisar os resultados obtidos em interação com os participantes da pesquisa (SEVERINO, 2016). A fundamentação teórica baseia-se nos conceitos de fenômenos linguísticos relacionados a línguas em contato (BRAGGIO, 1998; MAHER, 2007) e aos processos diglóticos (HAMEL; SIERRA, 1983). Os resultados mostraram a presença do bilinguismo diglótico diversificado com uso significativo da Língua Portuguesa e o uso diferenciado da língua Terena entre as faixas etárias presentes na comunidade Terena. Dessa forma, espera-se contribuir com a comunidade Terena e com órgãos capacitados para definição de diretrizes para a preservação e ensino da Língua Terena no contexto das aldeias indígenas urbanas da capital.

Palavras-chave: Língua Terena; Língua Portuguesa; Diglossia; Aldeia Urbana.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es presentar la configuración del proceso diglótico de la lengua portuguesa y la lengua Terena de las comunidades indígenas de Campo Grande en Mato Grosso del Sul. Dicha temática se torna relevante por la razón del creciente aumento de la población indígena que sale de sus aldeas en búsqueda de nuevas oportunidades de trabajo hacia la capital (URQUIZA e VIEIRA, 202). En Campo Grande hay 9 aldeas urbanas y un quiosco en el Mercado Municipal con un cuadro sociolingüístico complejo porque los habitantes provienen de varios pueblos y algunos buscan el mantenimiento y uso de la lengua Terena y otros muestran pérdida y desplazamiento de la lengua indígena, teniendo la lengua portuguesa como lengua materna. La metodología de esta investigación de maestría es de carácter cualitativo y etnográfico que buscó analizar los resultados obtenidos con interacción con los participantes de la investigación. (SEVERINO, 2016). La fundamentación teórica se basa en conceptos como fenómeno lingüístico relacionados a lenguas en contacto (BRAGGIO, 1998; MAHER, 2007) y los procesos diglóticos (HAMEL e SIERRA, 1983). Los resultados mostraron la presencia de un bilingüismo diglótico diversificado con un uso preferencial hacia la lengua Portuguesa y otro diferenciado hacia la lengua Terena entre los grupos de edades presentes en la comunidad de Terena. De esta forma, se espera contribuir con el Pueblo Terena y órganos competentes para definir directrices que ayuden a la preservación y enseñanza de la lengua Terena dentro del contexto de las aldeas indígenas urbanas de la capital.

Palabras clave: Lengua Terena; Lengua Portuguesa; Diglosia; Aldeia Urbana.



Guadalupe Vilhalba Cabral Xavier é mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS.

E-mail: dalupe10@hotmail.com

Onilda Sanches Nincao é docente da Licenciatura Intercultural Indígena no câmpus de Aquidauana da UFMS e docente permanente do Mestrado Profissional em Letras do câmpus de Três Lagoas da UFMS.

E-mail: onilda.sanches@ufms.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a configuração do processo diglósico da Língua Portuguesa e da Terena de comunidades indígenas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a partir de pesquisa realizada nas comunidades indígenas localizadas nessa capital de estado.

O Brasil é um país multilíngue com mais de 180 línguas indígenas, além de línguas de imigrantes, Libras e a língua portuguesa, herança do processo colonial brasileiro, mas foi no século XVIII que se definiu uma política linguística homogeneizadora, quando o Marquês de Pombal tornou obrigatório o uso da língua portuguesa em território nacional, passando a ser visto como um país monolíngue.

Cavalcanti (1999) discute a questão do multilinguismo no Brasil em contraposição ao mito do monolingüismo instaurado. Da mesma forma, Mello (2011, p. 353), esclareceu a diversidade linguística nativa, presente no território brasileiro, afirmando que “somos sim, o país da língua Portuguesa, mas também o país da língua Xerente, Karajá, Apinajé [...]”, dentre outras línguas indígenas. Essa realidade assumiu uma apresentação peculiar no Estado de Mato Grosso do Sul (MS), onde se encontra a segunda maior população indígena do Brasil

dividida em nove povos. Números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo de 2010, apontaram que a população indígena de Mato Grosso do Sul cresceu 3,1% em 10 anos, uma vez que 73.295 pessoas se declararam como indígenas. A nível de Brasil, o Censo do IBGE (2010) registrou 896,9 mil indígenas no país, sendo que 36,2% são moradores da região urbana e 63,8%, moradores da região rural (ALTENHOFEN, 2013, p. 35).

A capital de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, ocupa o sétimo lugar entre os municípios brasileiros onde habitam populações indígenas, sendo que o Estado abriga duas das cinco maiores etnias indígenas do Brasil: os Guarani e os Kaiowá¹, com 37,4 mil indivíduos, e os Terena com, aproximadamente, 28,8 mil indivíduos.

No que diz respeito a Campo Grande, na região urbana, várias etnias indígenas brasileiras estão firmadas em locais comuns, denominados aldeias urbanas², convivendo em contato com a sociedade não indígena e, dentre elas, estão os Terena que buscaram novas oportunidades fora do lugar de suas origens (SILVA; BERNADELLI, 2016).

Do ponto de vista linguístico, a população indígena do município define-se com um quadro sociolinguístico complexo, considerando as várias aldeias de origem de outros municípios, algumas falantes da língua indígena e outras não falantes, com diversos processos diglósicos, aliados à necessidade de utilizar a língua portuguesa para a sua inserção no mercado de trabalho, a fim de atender a demanda de sobrevivência junto à sociedade local.

¹ A concordância entre o artigo e os nomes obedece a uma regra antropológica ao referir-se aos povos indígenas.

² A denominação aldeias urbanas faz referência à união dos povos indígenas na região urbana e divergiu entre os

indígenas Terenas. Assim, os termos empregados para nomeá-la variam entre: aldeia urbana, comunidade e assentamento indígena.



No Brasil, usar a língua oficial é uma questão de sobrevivência para o índio, pois é a língua da interação, da comunicação (PRUDENTE, 2011). Portanto, no contato entre Terena e não indígena, é perceptível o desenvolvimento da habilidade de falar e entender a língua portuguesa juntamente com o uso da língua Terena. É importante ressaltar que os Terenas possuem uma política linguística própria de apropriação da língua portuguesa como uma ação estratégica de sobrevivência junto à sociedade brasileira (NINCAO, 2003; 2008). Assim, a relevância do tema deu origem a este artigo, que resultou de pesquisa realizada no ano 2017 na UFMS, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, localizada no município de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul, desenvolvida sobre o uso da língua portuguesa e da língua terena nas aldeias indígenas urbanas da cidade.

A pesquisa que deu origem a este artigo teve por objetivo geral investigar como se configura o uso da língua Portuguesa e da língua Terena no contexto das aldeias urbanas na cidade de Campo Grande/MS, tendo em vista traçar um perfil sociolinguístico e etnográfico da população Terena. Diante disso, cabe perguntar: Como se configura o quadro sociolinguístico das comunidades Terenas de Campo Grande? Como se dá o uso da Língua Terena e da Língua Portuguesa? Quais os significados desses usos para essas comunidades?

Levando-se em conta o *locus* de investigação desta pesquisa, observa-se que a língua portuguesa e terena estão fixadas no espaço urbano da capital, onde se estabelecem em convívio comum, um lugar de relações entre diferentes povos que definem as aldeias indígenas urbanas³. Portanto, é importante compreender esse processo de uso da língua

de origem em conjunto com a língua portuguesa.

A respeito da metodologia, delimitou-se que esta pesquisa é de cunho etnográfico, com abordagem qualitativa, por meio da qual procurou-se colher, organizar e analisar os resultados em contato com os participantes da pesquisa, buscando compreender os processos diários de vida do indivíduo ou de um grupo a fim de desenvolver registro sobre a vida do sujeito da pesquisa, a partir da observação das relações socioculturais (SEVERINO, 2016). A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento bibliográfico sobre os Terenas através de questionários, entrevistas e observação participante, com anotações no Diário de Campo. A grande concentração de indígenas Terenas provenientes de diferentes áreas configura uma diversidade de uso da língua portuguesa e da língua terena, o que provoca certa complexidade, tornando-se necessário conhecer, registrar, organizar e analisar o perfil linguístico dessa população urbana.

A nova realidade mundial social traz para a sociedade o falante de língua materna denominado de povos originários, indígenas que se deslocam para o contexto urbano (URQUIZA; VIEIRA, 2012) e que, por fim, nomeiam a língua materna de definidas sociedades, povos, como línguas minoritárias (MAHER, 2007), mas também apresentada por Silva (2011) como língua minorizada. Assim, espera-se que os dados obtidos possam contribuir para o entendimento dessa importante demanda do povo Terena em Campo Grande/MS, já que a presença dessa etnia é relevante e significativa para a construção histórica do estado (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000), assim como também para o

³ O termo aldeia indígena urbana, nesta pesquisa, diz respeito ao conjunto de diferentes etnias reunidas em um mesmo espaço geográfico.



estabelecimento de políticas de atendimento a essas comunidades.

2 O CAMPO DE PESQUISA

As aldeias urbanas visitadas nesta pesquisa foram: 1) Aldeia urbana Marçal de Souza; 2) Aldeia urbana Água Bonita; 3) Aldeia urbana Assentamento Jardim Inápolis; 4) Aldeia urbana Darcy Ribeiro; 5) Aldeia urbana Água Funda; 6) Aldeia urbana Jardim Vila Romana; 7) Aldeia urbana Santa Mônica; 8) Aldeia urbana Estrela da Manhã; 9) Aldeia urbana Tarsila do Amaral, com acréscimo do grupo de comerciantes Terenas localizados em três quiosques do Mercado Municipal da capital.

De acordo com as informações levantadas no campo de coleta de dados, as aldeias foram definidas como comunidades diversificadas entre si, formadas por várias etnias, como Guarani, Kaiowá, Kadiweu, Guató e outras, mas com a presença predominantemente de Guarani e Terena, sendo expressiva a presença e atuação social destes em contexto urbano.

As aldeias indígenas urbanas estão fixadas em diferentes regiões da capital, sendo que alguns bairros possuem mais de uma e elas estão espalhadas em diversas áreas do município de Campo Grande.

3 O PROCESSO DIGLÓSSICO ENTRE AS LÍNGUAS TERENA E PORTUGUESA COMUNIDADES INDÍGENAS TERENAS DE CAMPO GRANDE

Levando-se em conta o foco deste trabalho relacionado ao uso das línguas portuguesa e terena no contexto das comunidades indígenas Terenas de Campo Grande, destacou-se a configuração do processo diglósico existente.

Nesse sentido, para apresentar a convivência de duas línguas diferentes no mesmo espaço, Calvet (2002) retoma o conceito histórico de diglossia apresentado por Ferguson (1959) sobre as variedades

linguísticas baixa e alta presentes em contexto comum de falantes. Sendo assim, o fenômeno da diglossia, é apresentado por Ferguson (1959) como:

[...] Uma situação linguística relativamente estável, na qual, além das formas dialetais de uma língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais) existe uma variedade superposta muito divergente, altamente codificada (quase sempre gramaticalmente mais complexa) veiculando um conjunto de literatura escrita vasta e respeitada [...] (FERGUSON, 1959 apud CALVET, 2002, p. 60).

A diglossia define-se como um fenômeno que acontece no convívio de comunidades bilíngues a partir da relação de uso de duas línguas, sendo uma língua majoritária e outra minoritária, que fazem a opção pelo uso de uma mesma língua em situações sociais diferentes. Conforme Franceschini (2011), os grandes conflitos delimitados no período da colonização desencadearam, além do extermínio de povos, o extermínio de línguas, tornando-se um conflito diglósico (FRANCESCHINI, 2011).

Após a fase de intensas críticas, o processo de diglossia recebeu novos posicionamentos teóricos (MAHER, 1997), passando de uma visão de estudiosos nativos como um fenômeno de pressão sobre as línguas de menos prestígio para a perspectiva dos estudiosos europeus que o classificam como parte do social do uso da linguagem. Assim, traçou-se uma nova linha de conceito e, nesse sentido, Maher (1997) explica que:

[...] Europeus, por outro lado, concebendo o conflito como parte constitutiva da dinâmica social, argumentavam que, em situações diglósicas, não existe apenas uma diferenciação funcional, aparentemente neutra, entre as línguas, pois o que está em jogo é que a cada função corresponde uma valoração social diferenciada (MAHER, 1997, p. 21).



Nesse sentido, conforme discutem Hamel e Sierra (1982), a ideia de línguas em contato foi substituída pela de línguas em conflito (HAMEL; SIERRA, 1983, p. 96).

A partir desse entendimento, Hamel e Sierra (op.cit.) argumentam que foi proposto que a relação diglôssica não fosse mais pensada como de contato estável entre uma língua alta e uma baixa, mas sim como uma relação de conflito não estável, assimétrico, entre uma língua dominante e outra dominada. Essa concepção deixa transparecer que as duas línguas não se encontram mais no mesmo nível, mas em lugares de conflito, desenvolvendo um embate de valor real e de uso competitivo. Nesse jogo de forças, vence a de maior prestígio, até que novas estratégias de valorização da língua desprestigiada sejam

levantadas diante do choque de dominação linguística.

Nessa direção, na realidade brasileira, a língua portuguesa, historicamente construída como de prestígio, foi definida como língua nacional e tem sido base e fundamento para as diversas produções linguísticas no país (MAHER, 1997). Assim, ela tem ocupado o espaço de domínio e destaque e as línguas minoritárias passam a ocupar o lugar de dominadas pela língua dominante. O reconhecimento desse jogo de posições e valor permite considerar que o conflito diglôssico afeta todas as áreas sociais, isto é, áreas que envolvem o falante (MAHER, 1997, p. 20-22). A seguir, é apresentada a configuração do processo diglôssico nas diferentes comunidades indígenas Terenas de Campo Grande, conforme o quadro a seguir:

Quadro 01: Configuração do processo diglôssico por aldeia indígena urbana

Nome da aldeia indígena urbana	Configuração do processo diglôssico na Comunidade Terena
Água Bonita	A língua Terena é usada em contexto de intimidade, reservado à comunidade Terena, com a LP ⁴ sendo falada dentro e fora da comunidade.
Jardim Inápolis	Valoriza, ensina e fala a LT através da participação das novas gerações e usa a LP como língua franca. Vive processo diglôssico pró-língua portuguesa.
Vila Romana	A LT é falada, ensinada na comunidade, tendo por objetivo seu fortalecimento e preservação. A LP funciona como língua franca pela comunidade indígena urbana. Portanto, vive um processo de diglossia pró-língua portuguesa.
Água Funda	Usa a LT e a LP no contexto da comunidade Terena, sendo o bilinguismo praticado entre os Terena. A LP é usada como língua franca na comunidade e com a sociedade não indígena, superando o isolamento social caracterizado na localização da aldeia.

(A tabela continua na próxima página)

⁴ A Língua portuguesa é sempre língua franca, de uso geral em todas as aldeias indígenas urbanas, entre as

diferentes etnias e em cada comunidade indígena urbana, como a comunidade urbana Terena.



Santa Mônica	Usa a LP em elevada proporção em todas as interações sociais e como língua franca na comunidade Terena e sociedade não indígena. Demonstrou forte ausência de uso da LT em festa indígena cultural e no meio familiar. Assim definiu-se significativa presença do processo diglótico pró-língua portuguesa.
Marçal de Souza	É uma comunidade bilingue diglótica, usa a LT na comunidade Terena urbana, no meio familiar e a LP como língua franca na família, comunidade Terena e sociedade não indígena.
Darcy Ribeiro	Revelou uso acentuado da LT em apresentação cultural, com ênfase na intenção política e no uso da LT com tradução para a LP. Usa a LP como língua franca na comunidade geral. Constatou-se avançado processo diglótico pró-língua portuguesa.
Centro Comercial do Mercado Municipal	Revelou uso sutil da LT em contexto familiar, na presença de turista e não indígena, sendo a LP usada em elevada proporção no ambiente comercial e no contato com o não indígena.

Fonte: organização das autoras

Com a configuração do uso das línguas terena e portuguesa por aldeia indígena urbana foi possível identificar e compreender o processo diglótico em cada comunidade indígena Terena de Campo Grande. Como foi constatado, o contexto linguístico das aldeias em estudo se caracteriza por um processo diversificado de uso das línguas terena e portuguesa, considerando que são originárias de diferentes aldeias do estado, com situações de uso da língua Terena como língua materna, como é o caso das Aldeias Cachoeirinha, Bananal, Água Branca e Lagoinha na região de Miranda e Aquidauana. Nesses mesmos municípios há aldeias que têm a língua portuguesa como língua materna: aldeias do Limão Verde, Ipegue, Buriti, Água Azul, Córrego do Meio, as últimas três nos municípios de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia.

Dada essa diversidade de origens e situações linguísticas, o processo de diglossia varia entre as comunidades de Campo Grande. O uso da língua Terena se manifestou em momentos selecionados pelo sujeito Terena, na interação dentro da comunidade indígena, entre parentes, familiares e eventos sociais, culturais, religiosos e festas familiares. Dessa forma, seu uso aconteceu na esfera do controle do uso

linguístico, pela opção de uso conforme a situação e a necessidade. Esse fato não significa que seja um uso despercebido, pois foi apresentado pela comunidade Terena durante a pesquisa que as gerações mais novas ouvem, aprendem ou no mínimo compreendem e falam palavras simples, conforme a idade do falante Terena.

Desse modo, a língua terena ocupou seu espaço de importância para a comunidade. Durante as entrevistas e coleta de dados, foram constatadas amostras de uso dessa língua e demonstrações de conhecimento da língua terena. Entretanto, não foram revelados momentos de ensino dessa língua para as novas gerações, mas sim momentos de interação uso maior pela geração dos adultos e idosos.

Como é próprio dos contextos indígenas no Brasil em situação de convivência com os espaços urbanos, o uso da língua portuguesa assumiu o valor fundamental de sobrevivência no contexto de aldeia indígena urbana, sendo a língua materna das crianças e jovens. Historicamente, foi construído o valor do uso da língua portuguesa pelos terenas como uma estratégia de sobrevivência para inserção na



sociedade do outro por meio de uma política linguística própria, sempre repassada para as novas gerações (LADEIRA, 2001; NINCAO, 2008). É dessa maneira ela se fez presente em todos os ambientes da comunidade, sendo usada de forma isolada ou intercalada com a língua terena e, assim, vem ocupando cada vez mais espaços entre os Terena em contexto urbano.

Dessa forma, as línguas terena e portuguesa ocuparam espaços de valorização na comunidade terena urbana, definindo uma relação não tão harmoniosa quanto aparenta (SILVA, 2011). É uma relação que instalou o valor de conflito entre a língua majoritária e minoritária e que definiu no contexto de uso um jogo de ocupação linguística que tende a deslocar a língua minoritária⁵, a menos que seja levantada uma estratégia contrária ao movimento diglótico (MAHER, 1997).

Na comunidade Terena, percebeu-se uma tentativa de levantar resistência ao processo diglótico, por meio do uso da língua terena no meio familiar e do ensino realizado nas aulas em contexto escolar, ainda praticado em pequena proporção e em salas de reforço da língua indígena que foram estabelecidas em um lento, independente e até precário processo de constituição nas aldeias urbanas da capital. Entretanto, a família ocupa relevante papel na tarefa de valorização da língua terena.

Essa análise permite responder às perguntas da pesquisa a respeito do uso das línguas terena e portuguesa em contexto de aldeia urbana, pois se identificou o uso da língua de origem da etnia, em sua maioria, em espaços reservados e selecionados, e o uso da língua portuguesa em todo contexto de interação do sujeito terena. Trata-se de uma realidade que manifestou a presença do bilinguismo diglótico pró-língua portuguesa nas

comunidades terenas urbanas do município de Campo Grande.

Sendo assim, o contexto de comunidade indígena TERENA urbana se definiu como complexo e diversificado, em que a língua portuguesa funciona como fundamental para sobrevivência. O contexto da aldeia indígena urbana faz com que a língua portuguesa seja importante devido à necessidade de interação social, profissional, comercial e estudantil vivenciada pelas populações indígenas estabelecidas em regiões urbanas da capital. São populações que vieram de aldeias e que procuraram manter ativo o uso da língua terena, vivendo em contato com populações que já possuem a língua portuguesa como língua materna, uma realidade comum no contexto indígena contemporâneo (MAHER, 2016).

CONCLUSÃO

As aldeias indígenas urbanas definiram-se na formação populacional como diversificadas. A respeito do convívio da etnia Terena com outra retoma o fato de que, ao longo da história, a característica expansionista do Terena favoreceu o convívio com outros povos (AZANHA, 2005). Elas são formadas por terenas e guaranis, sendo expressiva a participação e atuação dos primeiros em ações sociais e culturais indígenas no município de Campo Grande.

Dessa forma, o quadro sociolinguístico das aldeias indígenas urbanas definiu-se como complexo, tendo como um dos motivos as diferentes procedências dos povos indígenas, especificamente do terena, e as diferenças linguísticas estabelecidas em cada comunidade⁶ indígena terena. Essa etnia reafirmou a sua própria política linguística (NINCAO, 2003; 2008) de utilização de duas línguas, a LP e a LT, em um processo de bilinguismo compulsório

⁵ Termo utilizado por Maher (1997).

⁶ É definida comunidade indígena terena o grupo indígena presente em cada aldeia indígena urbana.



(MAHER, 2007), vivendo uma nova realidade que se definiu ao longo do tempo cada vez mais complexa na área urbana do município de Campo Grande.

Vinculadas à vida urbana vieram situações conflituosas, como a questão de quando usar uma ou outra língua, a LT e LP, situação já definida em suas aldeias de origem, mas com necessidade de um novo posicionamento nas comunidades indígenas urbanas. Diante do impasse, o terena manteve o que era de costume da etnia, o uso da língua de origem entre os familiares e parentes. E, quanto ao uso da LP, a língua nacional (MAHER, 2016), eles decidiram mantê-la no lugar da interação entre terena e não terena, em contexto comunitário, e assumir a LP como meio básico para sobrevivência.

Nesse sentido, os terenas da capital sul-mato-grossense demonstraram, no uso da alternância de línguas, diversas intenções, como uma forma de estabelecimento do povo terena e de sua língua no meio urbano, na convivência junto ao não indígena, revelando a sua capacidade de manejar duas línguas em conjunto (MAHER, 1997). Assim, em muitas situações, eles intercalaram falas da LM⁷ após a exposição de frases inteiras na LP, deixando nítida a intenção de usar a LT para manter a intimidade entre terenas e parentes e na presença do não indígena.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir com a comunidade terena e com órgãos governamentais para a definição de diretrizes e políticas linguísticas direcionadas à preservação e ao ensino da Língua Terena no contexto das aldeias indígenas urbanas da capital.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos Estudos Linguísticos**, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013.

AZANHA, Gilberto. As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul. **Revista de Estudos e Pesquisas**. FUNAI, Brasília, v. 2, n. 1, p. 61-111, jul. 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. Contato entre línguas: subsídios para Educação Escolar Indígena. **Revista do Museu Antropológico**, UFG, Goiânia, v. 2, n. 1., 1998.

CALVET, Louis – Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAVALCANTI, C. M. Estudos Sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil. **REVISTA D.E.L.T.A**, no 15, p. 385-417. Número Especial, 1999.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Línguas Indígenas e Português: Contato ou Conflito de Línguas? Reflexões Acerca da Situação dos Mawé. In: SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato: Cenários de bilinguismo no Brasil**. Coleção Linguagem e Sociedade, v. 2. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 41-72.

HAMEL, Rainer Enrique; SIERRA, Maria Teresa. Diglossia y Conflicto Intercultural: la lucha por un concepto o la danz de los significantes. **Boletín de Antropología Americana**, n. 8, p. 89-110, dez. 1983.

⁷ Foi acrescentado a abreviação LM para a referência de língua materna.



IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO 2010, CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS INDÍGENAS.

Resultados do universo. Rio de Janeiro. 2010.

MAHER, Tereza Machado. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTE, Marilda C.; RICARDO, Estella Maris Bortoni. (Org.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 67-73.

MAHER, Tereza Machado. O dizer do sujeito bilíngue: aportes da Sociolinguística. In: Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos, 1997. INES, Divisão de Estudos e Pesquisas - Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Ed. Littera Maciel Ltda, 1997.

MAHER, Tereza Machado. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua (gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 115-138.

MAHER, Tereza Machado. Sendo índio na cidade: mobilidade, repertório linguístico e tecnologias. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 40, jan./jun. 2016, p. 58-69.

MELLO, Heloisa Augusta Brito de. Atitudes linguísticas em uma comunidade bilíngue do sudoeste goiano. In: SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 141-178.

NINCAO, Onilda Sanches. **Representações de Professores Indígenas sobre o Ensino da Língua Terena na Escola**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2003, 180 pgs.

NINCAO, Onilda Sanches. **“Kóho Yoko Hovôvo/O Tuiuíú e o Sapo”: identidade, bilinguismo e política linguística na**

formação continuada de professores Terena.

2008. 236 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

PRUDENTE, Mabel Pettersen. Um estudo sociolinguístico sobre a comunidade árabe em Goiânia. In: SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Campinas: Pontes, 2011, p.179-196.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Luiz Felipe Barros Lima e BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. A Constituição da comunidade urbana Água Bonita em Campo Grande – MS: Territorialidade e identidade indígena. **XVII Encontro Nacional de Geógrafos**. São Luís/MA, jul. 2016.

SILVA, Sidney de Souza. A Colônia do Rio Uvã: Um contexto de Imigração Alemã e Deslocamento Linguístico. In: SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2011, p.117-140.

URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera; VIEIRA, Carlos Magno Naglis. Educação escolar e os índios urbanos de Campo Grande/MS: considerações preliminares sobre as práticas de ensino nas escolas. **XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**. Campinas: UNICAMP, 2012.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

XAVIER, G. V. C.; NINCAO, O. S. O processo diglótico entre as línguas terena e portuguesa nas comunidades indígenas terena de Campo Grande. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 1, p. 33-41, 2020.